



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

ADAPTAÇÃO DA ESCALA DE AUTORRELATO DE ALTRUÍSMO: UM CONTRIBUTO PORTUGUÊS PARA O HEROIC IMAGINATION PROJECT

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante -

Adriana Violas Carvalho da Silva

Trabalho efetuado sob a orientação de
Professora Doutora Mariana Barbosa

Porto, julho de 2016

Agradecimentos

Em primeiro lugar queria agradecer à Professora Doutora Mariana Barbosa e Professora Doutora Lurdes Veríssimo, pela orientação, apoio, carinho e disponibilidade que sempre demonstraram.

Um obrigada aos meus pais e à minha irmã pelo apoio e por estarem sempre ao meu lado e por toda a força que me transmitiram e por terem acreditado que eu era capaz de concluir mais uma fase.

Á minha querida amiga, Ana Lumini, por estes 5 anos cheios de pura amizade, confidências, “loucuras”, companheirismo, pelo apoio sempre demonstrado e por me teres ajudado a inserir os dados do projeto. Estiveste sempre comigo nos bons momentos e nos menos bons. Cresci bastante graças a ti, a minha maneira de ser mudou. Sem ti estes 5 anos não seriam a mesma coisa.

Á Mafalda Santos pela ajuda a inserir os dados, pela tua disponibilidade que sempre demonstraste e pelo teu apoio.

Um obrigada à Ana Soares que apesar da distancia está perto. Foste durante muitos anos a minha melhor – e única – ouvinte. Obrigada pelo apoio ao longo destes anos todos e por te maneres lá. Passamos por muita coisa juntos e isso nunca será esquecido. Estás dentro do meu coração, eternizada.

Um obrigada à Viviana Matias pelo teu apoio, companheirismo, pelas confidências, por me ouvires, pelas viagens de comboio, que me animavam as manhãs e os finais de tarde e por todos os momentos que me proporcionaste.

A alguns colegas de faculdade, pela amizade, companheirismo, apoio, pelas trocas de experiência, principalmente este ano e por todos os momentos que me proporcionaram.

Ao Grupo de Jovens Vitae Essentia de Cortegaça pelos momentos, pelo apoio e por estarem sempre lá, mesmo quando não sabem.

Por fim, agradeço a todos aqueles que de uma maneira ou de outra estiveram presentes ao longo destes anos, pela amizade, apoio e companheirismo.

Resumo

O Heroic Imagination Project (HIP) procura redefinir o heroísmo e torná-lo mais relevante para a atualidade, com base na convicção de que não é uma competência exclusiva de pessoas excepcionais, mas antes uma mentalidade e um conjunto de hábitos de natureza prossocial que podem ser aprendidos, incentivados e modelados, e são alcançáveis por qualquer pessoa em qualquer momento da sua vida (Zimbardo, s.d.). O desenvolvimento de uma imaginação heroica prepara o indivíduo para tomar medidas, se e quando a hora chegar. Ao se autorrotularem, "Eu sou um herói-em-espera" aumenta a probabilidade de tomarem uma ação heroica, quando a situação exige tal comportamento manifesto, incentivando-os a identificar atributos pessoais que são necessários para a ação heroica (Blau, Franco & Zimbardo, 2009). Este projeto tem como objetivo adaptar e validar uma das escalas do protocolo de avaliação do HIP Educacional. A amostra é composta por 1500 participantes. Após a composição da amostra, os dados adquiridos foram lançados numa base de dados informática e processados pelo programa estatístico SPSS. Esta escala revelou boas características psicométricas, permitindo a utilização desta versão em Portugal.

Palavras-chaves – Altruísmo, Imaginação Heroica, Escola, Heroísmo

Abstract

The Heroic Imagination Project (HIP) seeks to redefine heroism and make it more relevant to the present, based on the conviction that it is not an exclusive competence of exceptional people, but a mindset and a set of prosocial nature of habits that can be learned, encouraged and modeled, and are achievable by anyone at any time in your life (Zimbardo, sd). The development of a heroic imagination prepares the person to take action if and when the time comes. When we self-label, "I am a hero-in-waiting" increases the likelihood of taking a heroic action when the situation demands such overt behavior, encouraging them to identify personal attributes that are needed for heroic action (Blau, Franco & Zimbardo, 2009). This project aims to adapt and validate one of the scales of Educational HIP assessment protocol. The sample consists of 1500 participants. After the sample, the acquired data were released in a computer database and processed by SPSS. This scale showed good psychometric characteristics, allowing the use of this version in Portugal.

Key-Words – Altruism, Heroic Imagination, School, Heroism

Índice

Introdução	1
Estado da Arte	2
1. Introdução	2
2. Delimitação Conceptual	3
3. Contributos da Psicologia	4
4. Imaginação Heroica	6
Método	8
Amostra	8
Instrumento	8
Procedimento	9
Recolha de Dados	9
Análise de Dados	9
Resultados	10
a) Fidelidade	10
b) Análise Fatorial	11
Discussão e considerações finais	14
Referências	16

Introdução

Existem evidências de que a corrupção tem uma influência negativa sobre o bem-estar económico e social dos países, afetando os valores fundamentais da democracia, da cidadania, da confiança e da igualdade social. A crescente importância desta matéria a nível mundial levou a um regime jurídico transnacional dirigida à prevenção e repressão da corrupção. Portugal adotou também novas medidas legislativas e administrativas voltadas para esse objetivo. Embora estas medidas são de extrema importância, elas não conseguem resolver as principais causas da corrupção apontadas pela pesquisa, ou seja, a apatia das pessoas para com as causas de interesse comum ou aumento da tolerância de corrupção no seio da sociedade em constante crescimento. Recentes escândalos éticos empresariais ao redor do mundo têm destacado a necessidade de indivíduos a agir de acordo com valores como a transparência, integridade e honestidade.

O Heroic Imagination Project (HIP) foi fundado por Philip Zimbardo, professor emérito de psicologia na Universidade de Stanford, com o intuito de promover o ‘heroísmo quotidiano’. Este projeto procura redefinir o heroísmo e torná-lo mais relevante para a atualidade, com base na convicção de que não é uma competência exclusiva de pessoas excepcionais, mas antes uma mentalidade e um conjunto de hábitos de natureza pró-social que podem ser aprendidos, incentivados e modelados, e são alcançáveis por qualquer pessoa em qualquer momento da sua vida. Pode envolver lidar eficazmente em situações pouco claras ou de emergência, ajudando os necessitados, ou pode envolver estabelecer e alcançar objetivos de promover o bem-estar dos outros (Zimbardo, s.d.).

No HIP, os resultados da investigação sobre os fundamentos psicológicos de formas negativas de influência social (como a conformidade, a obediência, ou o efeito de proximidade), são convertidos em *insights* significativos e ferramentas que as pessoas podem usar nas suas vidas cotidianas para transformar situações negativas e criar uma mudança positiva. O HIP tem como objetivo geral desenvolver nos indivíduos: a) uma clara compreensão dos processos psicológicos que conduzem a situações sociais exigente e a comportamentos indesejados; b) competências para analisar e responder eficazmente às pressões sociais; c) o compromisso de construção e manutenção de culturas de maior transparência, abertura e comportamento ético (Zimbardo, s.d.).

O HIP tem dois programas, um direcionado para a atual geração de líderes e trabalhadores (HIP Corporativo), e outro dirigida a estudantes do ensino secundário - os líderes

e trabalhadores do futuro (HIP Educacional) (Zimbardo, s.d.). No presente projeto de investigação iremos focar-nos na adaptação e validação de uma escala do HIP Educacional.

Segundo Zimbardo (2004) a psicologia não tem dado a devida importância aos comportamentos altruístas e heroicos. No entanto, o seu estudo é fundamental, já que a investigação existente sobre estes fenómenos tem demonstrado o impacto dos fenómenos de altruísmo e heroísmo do ponto de vista da prevenção de atitudes agressivas e/ou discriminatórias, e da promoção das relações intergrupais, contribuindo, desta forma, para a justiça social (Staub & Vollhardt, 2011).

Estado da Arte

1. Introdução

Segundo Darwin (1872), os indivíduos atuam de forma a que o seu comportamento leve à sua sobrevivência, adaptando-se aos diversos meios. As ações altruístas, que colocam quem as perpetra numa atitude de vulnerabilidade - pois posicionam os proveitos dos outros à frente dos seus - afiguram-se como uma incoerência aos instintos de sobrevivência, o que torna este procedimento inexplicável. Comprometer a nossa segurança pelo bem-estar dos outros parece ser, à luz da teoria de Darwin (1872), um comportamento contranatura e uma provocação à nossa própria subsistência (Guimarães, 2014).

A experiência da Prisão de Stanford realizada por Zimbardo em 1971, consistiu na simulação do quotidiano prisional em que os papéis de guardas prisionais e de prisioneiros foram atribuídos a estudantes voluntários. Apesar de todos os participantes saberem que se tratava de uma simulação da realidade e de um estudo científico, a experiência teve que ser suspensa ao fim do sexto dia, porque o grau de violência e de tratamentos deteriorantes praticado pelos participantes que adotaram a função de guardas prisionais agravou-se de uma forma não antecipada. Os estudos de Milgram sobre a obediência à autoridade avaliaram a dedicação dos participantes em executar as ordens de um experimentador dando o que pareciam ser choques elétricos de progressiva intensidade (desde os 15 volts até aos 450 volts) com o intuito de castigar um sujeito de cada vez que este não sabia as respostas a um conjunto de perguntas. Estas experiências demonstram que mesmo para as pessoas que não têm problemas psicológicos, a linha entre o bem e o mal é penetrável. A situação e as características pessoais

de cada pessoa fazem com que estas interajam de maneiras originais. Continuamos sem saber como estas características pessoais combinam com a situação para gerar a ação heroica (Franco & Zimbardo, 2006; Zimbardo, Haney, Banks, & Jaffe, s.d.).

A capacidade de termos maior atenção pela satisfação do outro, acima da nossa, explica também porque há pessoas que comprometem as suas vidas ao ver indivíduos em perigo. Apesar de termos conhecimento destes fenómenos ao longo da História, esta é uma área que tem recebido pouca atenção no seio da comunidade psicológica (Zimbardo, 2004).

2. Delimitação Conceptual

O heroísmo é diferente do altruísmo. O altruísmo refere-se aos atos de autossacrifício e de ajuda aos outros, estando perto da noção de heroísmo, mas o heroísmo implica um potencial mais profundo de sacrifício pessoal (Franco, Blau, & Zimbardo, 2011; Franco, & Zimbardo, 2006).

Alguns autores definem altruísmo como um tipo de comportamento prossocial e de ajuda com consequências tanto para o ator como para o outro indivíduo, mas o foco tem de ser sempre o bem-estar das outras pessoas (West, Gardner e Griffin, 2006; Youll, & Durtschi, 2012). A psicologia social define altruísmo como um comportamento ou estado motivacional orientado, com o objetivo principal de aumentar ou beneficiar o bem-estar do outro (Batson, Ahmad, & Lishner, 2009 cit in Youll, & Durtschi, 2012).

O heroísmo implica um ato voluntário, positivo e pró-social acompanhado de risco, em nome do bem-estar físico de uma ou mais pessoas, sem qualquer benefício posterior. Um herói é uma pessoa que transforma a compaixão (virtude pessoal) em ação heroica (virtude cívica) (Franco, Blau, & Zimbardo, 2011; Becker, & Eagly, 2005; Becker, & Eagly, 2004 cit in Martens, 2005).ç O Heroic Imagination Project define um herói como um indivíduo ou um grupo de pessoas que tomam medidas a favor dos outros em necessidade, ou em defesa da integridade ou de uma causa moral (Zimbardo, s.d.).

Segundo Franco e Zimbardo (2007 cit in Blau, Franco & Zimbardo, 2009), a definição de heroísmo tem cinco características principais: o ato deve ser voluntário; o ato deve envolver um risco físico ou profundo sacrifício social; o ator deve estar disposto a aceitar a consequência

do seu ato; o ato deve estar a serviço dos outros; e o ato deve ser realizado sem a expectativa de um benefício extrínseco.

3. Contributos da Psicologia

Segundo Leyens & Yzerbyt (2008) existe uma relação entre a empatia e a capacidade altruísta do indivíduo. Indivíduos que sentem mais empatia tendem a sentir-se bem apenas quando a necessidade do outro é aliviada (Batson et al., 1988; Batson & Weeks, 1998 cit in Batson, Ahmad, & Stocks, 2004). A empatia está associada a uma predisposição para a sensibilidade às necessidades do outro e, naturalmente, a uma maior predisposição para ajudar e uma propensão mínima para a ofensa. Para além disto, existem evidências de que o comportamento altruísta impellido pela empatia amplia a disposição de colaboração na resolução de problemas e de conflitos. A demonstração disso está nas experiências realizadas por Batson, Ahmad e Stocks (2004), nas quais era pedido aos participantes que completassem a divisão de recursos entre eles. Previamente um ficava a saber que o outro tinha decomposto os recursos a seu próprio favor. Verificou-se nesta experiência que os indivíduos que não foram aliciados a ter empatia, a ajuda era extraordinariamente baixa, mas os indivíduos que foram aliciados a ter empatia a ajuda subia notavelmente (idem). Estes resultados sustentam a conceção de que a empatia parece ser um auxiliar na determinação de cooperar na resolução de conflitos, o que se revela essencial e vantajoso na aquisição de uma sociedade mais pacífica.

O comportamento heroico solicita deveras ocasiões da audácia para conservar as convicções pessoais face a conjunturas compreendidas como injustas, ainda que estas sejam validadas por uma potência ou por um grupo. Se observarmos algumas experiências realizadas na área da psicologia, como a de Milgram (2013) sobre a obediência à autoridade, podemos concluir que atos imorais e desumanos podem ser praticados sob o domínio da autoridade. Contudo, alguns participantes no estudo preferiram incitar a autoridade, infringindo as ordens. No fim das experiências, os participantes que afrontaram a figura de autoridade sentiam-se pessoalmente comprometidos pelo mal que estavam a praticar, enquanto que os obedientes deslocavam a responsabilidade para o experimentador que ordenava a gestão de choques (Milgram, 2013). Relativamente à culpabilização da vítima, os participantes obedientes viam nesta a responsabilidade pelo que lhe estava a suceder do que os sujeitos desobedientes (idem).

Estas constatações vão de encontro à teoria do descomprometimento moral de Bandura (et al., 1996; 2002). Segundo esta teoria, existem algumas estratégias a que as pessoas se socorrem para se descomprometerem moralmente de situações que vão contra as suas convicções morais e pessoais, como, por exemplo, a externalização da responsabilidade pelo ato ou a culpabilização do alvo. Já o sentido de responsabilidade pessoal tenderá a potenciar o compromisso moral face à situação, impedindo a perpetração de atitudes opostas às convicções morais do indivíduo.

Também os estudos de Oliner e Oliner (1988) corroboram a relevância do sentido de responsabilidade pessoal. Estes autores realizaram entrevistas aprofundadas, que abordavam múltiplos aspetos da vida dos *rescuers*, com a intenção de conhecer os motivos que conduziram pessoas durante a segunda guerra mundial a ajudar judeus. Estes autores concluíram que as pessoas que ajudaram os judeus, além de possuírem princípios de interajuda e igualdade diante do outro, sentiam-se mais responsáveis pelo outro e pelo seu bem-estar (Guimarães, 2014).

Nas experiências de Asch sobre a conformidade, o autor exibiu a um grupo de sujeitos linhas de comprimento distintas e estes reconheceriam em público qual delas era a maior. Neste grupo fazia parte, no máximo, 5 atores (que representavam a maioria), contra um número máximo de 2 sujeitos (que representavam a minoria). Os atores respondiam primeiro e de forma errónea, apontando como a linha de comprimento maior uma errada. O objetivo de Asch era estudar as condições sociais e pessoais que levam os indivíduos a resistir ou a conformar-se com a pressão do grupo quando esse grupo tem um ponto de vista contrário ao seu próprio juízo. Nas suas experiências sobre a conformidade, Asch (1956) concluiu que os participantes que se mostraram inconformistas relataram que, na confrontação, verbalizaram o que consideravam que estava certo ou, mesmo se em dúvida, sentiam que tinham de contar o que viam. O comportamento dos inconformistas alterava entre atuar com extrema confiança até a um estado de grande dúvida e culpa por responderem de forma diferente. Apesar de tudo, todos os sujeitos levaram avante a necessidade ou obrigação que sentiam em responder de acordo com a sua apreciação. Segundo Asch (1956), a autonomia exige a competência de encarar a oposição sem o sentimento de depreciação pessoal por tal. As pessoas que ostentam independência têm uma aptidão para lidar com a pressão e enfrentá-la ou são competentes para combater contra forças contraditórias a si.

O comportamento altruísta precisa de uma atitude inconformista. No entanto, existem alguns fatores situacionais que poderão facilitar ou impedir o comportamento de ajuda. Latané

e Darley (1968a; 1968b), nos seus estudos sobre o homicídio da *Kitty Genovese*, definiram os fatores que se encontraram na origem do **efeito bystander** que ocorreu entre as testemunhas do incidente, particularmente: a influência social, a difusão de responsabilidade e a inibição por audiência (idem). *Kitty Genovese*, foi assassinada à porta da sua casa, edificada num prédio de um bairro residencial em Nova Iorque, de madrugada após retornar do trabalho. O episódio prolongou-se por cerca de 30 minutos e os pedidos de ajuda foram ouvidos pela vizinhança, que se apercebeu do que se passava, mas não fez nada para a ajudar. Os autores perceberam que quanto maior for a multidão no local, menor a probabilidade de alguma pessoa atuar. Estes concluíram que estamos mais dispostos a ajudar quando estamos sós ou com alguém que conhecemos; e o efeito de grupo leva à disseminação da responsabilidade e embaraço; estamos menos dispostos a ajudar quando somos “delineados” a não resistir e, por fim, a resposta ambiental direta é mais valorizada a decidir se se atua do que características da personalidade do sujeito ou aspetos culturais. O conceito de efeito *bystander* é bastante complexo pois este comportamento é um processo dinâmico que inclui as respostas das pessoas aos eventos e ideias ao longo de um período de tempo bem como as mudanças na sua auto percepção e identidade (Barnett, 2012). Segundo Brudholm (2012), o termo *bystander* é normalmente utilizado em sentido pejorativo ou normativo. Quando se rotula alguém como *bystander* implica uma espécie de vergonha, porque o destinatário poderia e deveria ter feito alguma coisa, mas optou por não o fazer. Nesta perspetiva, os envolventes são responsáveis pela omissão - por exemplo, para priorizar a sua própria segurança ou por ser insensível ao sofrimento dos outros (idem). Um "bystander" é alguém que está presente sem fazer parte no que está a ocorrer. Ficher descobriu que a empatia e o sentimento de responsabilidade pessoal ajudam a pessoa a ter comportamentos altruístas (Franco, Blau, & Zimbardo, 2011). Youll, & Durtschi, (2012) referem nos seus estudos que existe uma associação positiva entre empatia e altruísmo.

4. Imaginação Heroica

O desenvolvimento de uma imaginação heroica prepara o indivíduo para tomar medidas, se e quando a hora chegar. Ao se autorrotularem, "Eu sou um herói-em-espera" aumenta a probabilidade de tomarem uma ação heroica, quando a situação exige tal comportamento manifesto, incentivando-os a identificar atributos pessoais que são necessários para a ação heroica. No HIP Educacional, as crianças ou jovens são convidados a ver-se a si mesmos como

“heróis-em-espera” e desenvolver o hábito de heroísmo no cotidiano (Blau, Franco & Zimbardo, 2009).

Um fator importante que pode incentivar a ação heroica é, precisamente, a estimulação da imaginação heroica nos indivíduos, ou seja, a capacidade de imaginar que estão a enfrentar fisicamente situações de risco social ou lutar com problemas hipotéticos. Ao imaginar estas situações, as pessoas consideram as ações e suas consequências. Ao considerar estas questões de antecedência, o indivíduo torna-se mais preparado para agir quando e se algum momento que exige heroísmo surge. Reforçar a imaginação heroica pode ajudar a tornar as pessoas mais conscientes dos testes éticos embutidos nas situações complexas. Ver-se como capaz de resolver o necessário para o heroísmo pode ser o primeiro passo para um resultado heroico (Franco & Zimbardo, 2006).

Existem várias medidas concretas que podemos tomar para incentivar a imaginação heroica. Podemos começar por avaliar consciente, cuidadosa e criticamente cada situação que encontramos para que não nos passe despercebida uma emergência que exige a nossa ação. Em segundo lugar, é importante não ter medo de conflitos interpessoais e desenvolver a resistência pessoal necessária para defender os princípios que preza. Em terceiro lugar, temos de estar conscientes de um horizonte temporal alargado, não apenas do momento presente. Devemos estar focados na situação atual, mas também sermos capazes de separar parte do nosso foco de análise a imaginar cenários futuros alternativos que pode jogar fora, dependendo de diferentes ações ou omissões que tomamos no presente. Em quarto lugar, temos que resistir à vontade de racionalizar a inação e desenvolver justificativas que reformulam maldades como meios aceitáveis para fins supostamente justos. Finalmente, temos de tentar transcender antecipando consequências negativas associadas a algumas formas de heroísmo, como sendo socialmente condenado ao banimento. Se o nosso curso de ação é justo, devemos confiar que os outros vão eventualmente reconhecer o valor das nossas ações heroicas (Franco, Z., & Zimbardo, P., 2006). Para além destas etapas básicas, a nossa sociedade tem de estudar outras formas de promover a imaginação heroica em todos os cidadãos, mais particularmente nos jovens.

Método

Com vista a contribuir para a implementação do Heroic Imagination Project em Portugal, a presente dissertação tem como objetivo a adaptação para o contexto português de uma das escalas que integra o protocolo de avaliação do HIP Educacional. A utilização de um mesmo protocolo de avaliação por parte de todas as equipas envolvidas no projeto irá possibilitar a comparação entre os resultados dos diferentes países (Estados Unidos da América e Hungria, por exemplo), permitindo explorar quais os aspetos comuns entre eles e quais as especificidades histórico-culturais.

Amostra

A amostra é composta por 1500 participantes, 630 rapazes e 827 raparigas, provenientes de duas escolas públicas da região do Norte, nomeadamente de Braga e Espinho. Os alunos apresentam idades compreendidas entre os 14 e os 23 anos e estudavam no 10º (n= 533), 11º (n= 508) ou 12º ano (n= 412) do Ensino Secundário.

Instrumento

A escala original denomina-se Self-report Altruism Scale, da autoria de Rushton, Chrisjohn & Fekken (1981). Trata-se de uma escala de autorrelato, composta por 20 itens. Os participantes são instruídos a classificar a frequência com que se envolveram em comportamentos altruístas usando as categorias “Nunca”, “Uma vez”, “Mais do que uma vez”, “Frequentemente” e “Muito frequentemente”.

Para a adaptação da Escala de Autorrelato de Altruísmo, procedemos à tradução dos conteúdos da escala de inglês para português, recorrendo a tradutores e obedecendo ao procedimento de 'back-translation'. Neste sentido, primeiramente a escala foi traduzida de inglês para português e, posteriormente, de português para inglês. Em seguida, a equipa de investigação confrontou a versão da escala e verificou se existem grandes diferenças entre as duas versões, corrigindo assim todos os itens que mostravam uma discrepância semântica da versão original. A escala tem frases do tipo “Ajudei a empurrar o automóvel avariado de um desconhecido.”; “Dei dinheiro a uma instituição de beneficência.”, “Fiz trabalho voluntário

para uma instituição de solidariedade.” a “Doei sangue.”. Uma vez que a escala foi traduzida e tivemos que ter em conta as questões culturais, retiramos um item pois não fazia sentido para Portugal, uma vez que o item falava sobre retirar um carro na neve e a região onde se iria proceder à validação do instrumento não neva.

Procedimento:

Recolha dados

Para a execução da validação da escala, foram estabelecidas parcerias com escolas dispostas a colaborar no estudo. Os estudantes foram informados dos objetivos do estudo e respetivos procedimentos, bem como as questões éticas associadas. Aos estudantes selecionados para participar neste estudo foi solicitado aos respetivos encarregados de educação que assinassem um consentimento informado para autorizarem os seus educandos a participar no estudo. Após termos os consentimentos assinados pelos encarregados de educação, procedeu-se à recolha dos dados nas escolas. A aplicação da escala foi realizada de forma coletiva e como as instruções eram fáceis de transmitir aos alunos, as escolas optaram por serem os próprios diretores de turma a distribuir aos alunos durante uma parte da sua aula.

Análise de Dados

De acordo com Steiner e Normal (1995), no processo de adaptação de uma escala é necessário assegurar que a mesma mantém as propriedades psicométricas testadas na sua validação no idioma original. Com vista à aferição das propriedades psicométricas da versão portuguesa da escala, recorreu-se a procedimentos de análise estatística que nos permitissem validar a versão portuguesa da escala, nomeadamente, através da análise fatorial e da análise da consistência interna da mesma. A análise estatística foi realizada recorrendo-se ao software informático SPSS (Statistical Package for the Social Sciences – versão 23).

Resultados

a) Fidelidade

A fidelidade da Escala de Autorrelato de Altruismo foi calculada através do coeficiente de consistência – *alpha de Cronbach*. Como se pode verificar na Tabela 1, para a escala total o coeficiente de *alpha* é de .813.

Tabela 1 – Consistência interna

Alpha de Cronbach	Nº de itens
.813	19

Procurou-se também analisar a homogeneidade do conjunto de itens. Como se pode verificar na Tabela 2, o coeficiente de consistência – *alpha de Cronbach* - varia entre .797 (se eliminado o item 17 – Ofereci ajuda para atravessar a rua a um desconhecido com deficiência ou idoso) e .814 (se eliminado o item 8 – Doei sangue). Observa-se ainda que as correlações item-total variam entre 0,159 (item 8 – Doar sangue) e 0,506 (item 17 – Ofereci ajuda para atravessar a rua a um desconhecido com deficiência ou idoso).

Tabela 2 – Estatísticas item-total

	Média da escala se item eliminado	Variância da escala se item eliminado	Correlação do item-total corrigida	Alpha de Cronbach se item eliminado
1. Ajudei a empurrar o automóvel avariado de um desconhecido.	24.50	87.713	.340	.807
2. Indiquei o caminho a um desconhecido.	22.99	87.652	.445	.803
3. Troquei dinheiro a um desconhecido.	24.49	86.408	.376	.805
4. Dei dinheiro a uma instituição de beneficência.	24.13	84.680	.415	.803
5. Dei dinheiro a um desconhecido que precisava dele (ou que mo pediu).	24.17	87.314	.331	.807
6. Doei bens ou roupas a uma instituição de solidariedade.	22.74	85.579	.404	.803
7. Fiz trabalho voluntário para uma instituição de solidariedade.	24.33	84.856	.377	.805
8. Doei Sangue.	25.08	92.276	.159	.814

9. Ajudei a transportar os pertences (por exemplo, livros, embrulhos...) de um desconhecido.	24.12	84.935	.452	.801
10. Atrasei um elevador e mantive a porta aberta para um desconhecido entrar.	23.10	85.035	.382	.805
11. Permiti que alguém avançasse para a minha frente numa fila (por exemplo, no supermercado.	23.19	85.737	.439	.802
12. Indiquei o erro de um funcionário (por exemplo no restaurante ou café) ao cobrar-me dinheiro a menos por um artigo.	23.86	85-016	.391	.804
13. Emprestei a um vizinho que não conhecia muito bem, um objeto com algum valor para mim (por exemplo, ferramentas).	24.43	84.296	.463	.800
14. Comprei intencionalmente um postal de Natal 'solidário' porque sabia que era por uma boa causa.	24.16	83.698	.445	.801
15. Ajudei um(a) colega de turma que não conhecia muito bem num trabalho de casa quando sabia que o meu conhecimento era maior que o dele/dela.	23.20	85.603	.333	.808
16. Cuidei voluntariamente dos animais de estimação de um vizinho.	24.46	84.652	.392	.804
17. Ofereci ajuda para atravessar a rua a um desconhecido com deficiência ou idoso.	24.06	82.997	.506	.797
18. Ofereci o meu assento num autocarro ou comboio a um desconhecido que estava a pé.	23.24	83.904	.431	.802
19. Ajudei um conhecido a mudar de casa.	24.68	88.915	.261	.811

b) Análise fatorial

O conjunto de itens apresentou *eigenvalue* de 4,45, explicando 11,9% da variabilidade total. O critério de Cattell (*scree plot*) corroborou a unifatoriabilidade da escala, apresentando este fator um valor próprio que se destacou dos restantes, conforme a Figura 1. Coerente com o modelo teórico proposto por Rushton e cols. (1981), evidencia-se a estrutura unifatorial da escala, com todos os itens a saturarem num único fator. À exceção de dois dos itens (Item 8 – doeie sangue; item 19 – ajudei um conhecido a mudar de casa) todas as saturações foram iguais ou superiores a 0,419.

Figura 1 - Distribuição Gráfica dos Valores Próprios

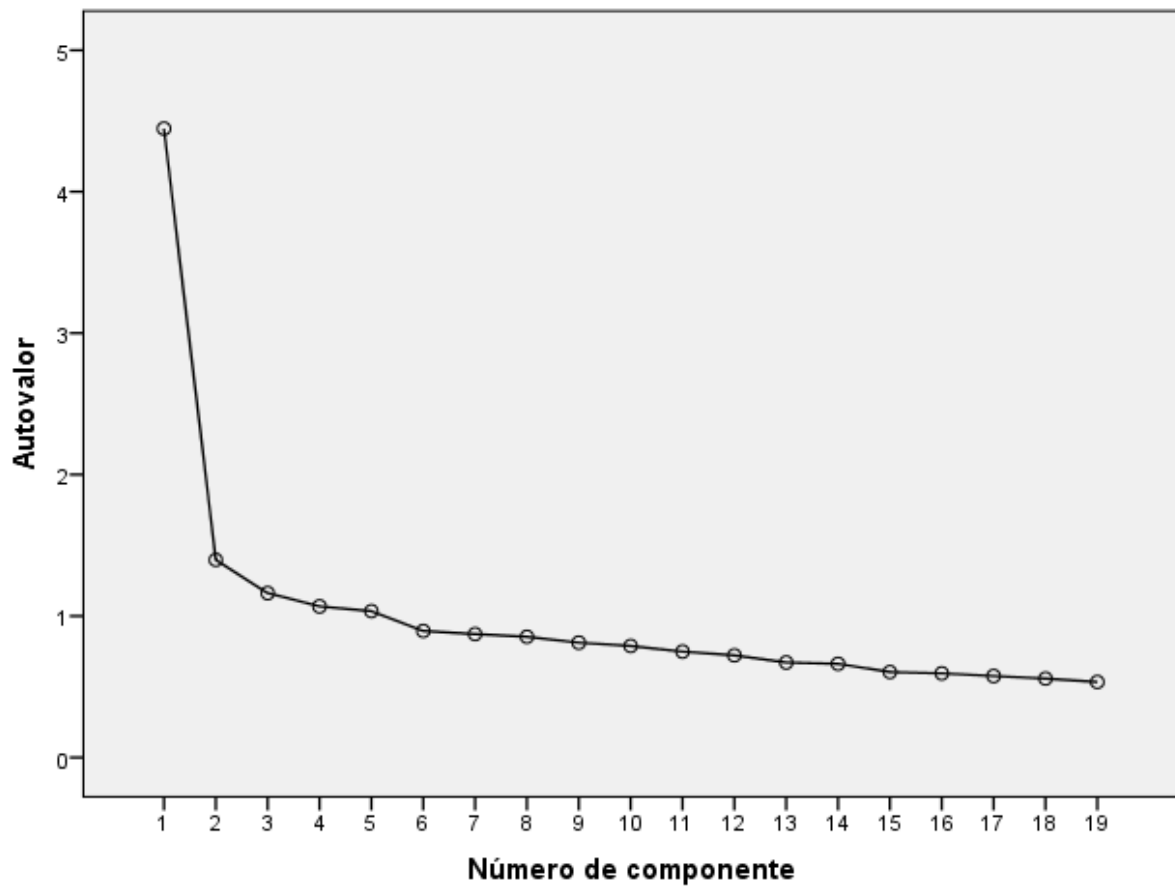


Tabela 3 - Matriz de componente^a

	Componente				
	1	2	3	4	5
EAAtruísmo - Item 1 - Empurrar Automóvel	,428	,571	-,093	,126	-,130
EAAtruísmo - Item 2 - Indicar caminho	,542	,110	-,263	,240	-,230
EAAtruísmo - Item 3 - Trocar dinheiro	,467	,133	-,178	,322	,454
EAAtruísmo - Item 4 - Dar dinheiro Instituição	,505	-,277	,379	,328	,007
EAAtruísmo - Item 5 - Dar dinheiro desconhecido	,419	-,078	-,048	,560	,323
EAAtruísmo - Item 6 - Doar bens ou roupas Instituição	,496	-,422	,270	,052	-,083
EAAtruísmo - Item 7 - Voluntariado Instituição	,464	-,058	,434	,119	-,307
EAAtruísmo - Item 8 - Doar sangue	,201	,500	,271	-,028	-,019
EAAtruísmo - Item 9 - Transportar pertences	,554	,106	-,121	,175	-,121
EAAtruísmo - Item 10 - Atrasar elevador	,480	-,219	-,333	-,127	-,044
EAAtruísmo - Item 11 - Passar fila	,535	-,261	-,353	-,148	,039
EAAtruísmo - Item 12 - Dizer quando cobra menos	,483	-,040	-,250	-,214	,181
EAAtruísmo - Item 13 - Emprestar objeto	,555	,173	,023	-,219	,286
EAAtruísmo - Item 14 - Postal natal Solidário	,536	-,186	,369	-,181	,137
EAAtruísmo - Item 15 - Ajudar TPC	,415	-,184	,061	-,335	,311
EAAtruísmo - Item 16 - Cuidar animais estimação	,477	,204	,238	-,328	,111
EAAtruísmo - Item 17 - Ajuda para atravessar rua	,608	,120	-,009	-,062	-,315
EAAtruísmo - Item 18 - Dar lugar autocarro	,538	-,174	-,237	-,126	-,439

EAAltruísmo - Item 19 - Ajudar mudar de casa	,328	,461	,077	-,134	,032
---	------	------	------	-------	------

Método de Extração: Análise de Componente Principal.

a. 5 componentes extraídos.

Discussão e considerações finais

O objetivo deste estudo consistiu em adaptar a Escala de Autorrelato de Altruismo para o contexto Português, procurando estudar as suas propriedades psicométricas.

As análises efetuadas relevam que a versão portuguesa da escala assemelha-se em termos de propriedades psicométricas com a escala original. Neste estudo, o valor do *alfa* de Cronbach revelado (.813) atesta a confiabilidade da escala e é comparável ao encontrado pelos autores originais (.89). Outros estudos com enfoque nesta escala vão também no mesmo sentido, pondo em evidência a elevada consistência interna da mesma (Chou, 1996; Khanna & cols., 1993; Mclean & cols., 2004). Já no que toca à estrutura da escala, os autores da versão original consideram que se trata de uma medida unifatorial (Rushtan et al, 1981), mas de entre os referidos estudos, apenas num estudo se procedeu à exploração desta dimensão. Os nossos resultados apontam para a unidimensionalidade da versão portuguesa da escala de autorrelato de altruísmo, à semelhança do preconizado pelos autores da escala original, assim como pelos autores da adaptação brasileira da escala. Podemos assim corroborar a conclusão de Gouveia et al. (2010) de que a Escala e Autorrelato de Altruismo reúne evidências da sua validade de construto, ou seja, “mede o altruísmo como um traço ou uma dimensão da personalidade, revelando que as respostas dos participantes são congruentes (consistentes) através dos itens.

Nas considerações finais, importa dar conta das limitações do nosso estudo. Uma das limitações trata-se do método de amostragem: não obstante a boa dimensão da amostra, o fato de termos recorrido a um procedimento de amostragem não probabilística, por conveniência, compromete a sua representatividade e, conseqüentemente, a validade externa dos resultados. Além do mais, não obstante nenhum dos itens que compõem a versão portuguesa da Escala comprometerem a sua consistência interna ou a saturação num único fator, o item que apresenta valores mais baixos que do ponto de vista da consistência interna quer do ponto de vista da unidimensionalidade da escala, é o item 9 – Doeir sangue. Trata-se de um comportamento altruísta que nem todos os participantes do estudo podem, na verdade, realizar (em Portugal, doar sangue é possível apenas a partir dos 16 anos). Em estudos futuros com a mesma escala,

seria interessante verificar a sua estabilidade temporal. Seria também interessante diversificar os participantes, incluindo, por exemplo, estudantes com e sem experiência de voluntariado (comportamento que tem sido relacionado com a personalidade altruísta (Blanca & Cols, 2007; Rusthon & cols., 1981; cit in Gouveia et al, 2010).

Relembrando o objetivo último do nosso estudo – contribuir para a implementação do Heroic Imagination Project em Portugal -, reforçamos, nas nossas considerações finais, a ideia de que, na área da Psicologia, se deveria dar mais importância aos comportamentos altruístas e heroicos e, para futuro, dever-se-iam realizar mais estudos nesse sentido, uma vez que a investigação existente sobre estes fenómenos tem demonstrado o impacto dos fenómenos de altruísmo e heroísmo do ponto de vista da prevenção de atitudes agressivas e/ou discriminatórias, e da promoção das relações intergrupais, contribuindo, desta forma, para a justiça social. O Heroic Imagination Project foi inspirado na crença de que os hábitos sociais de heroísmo podem ser aprendidos, incentivados, modelados e alcançáveis por qualquer pessoa em qualquer momento das suas vidas. A imaginação heroica é a capacidade natural, que cada um de nós possui, a sonhar com um futuro melhor; acreditarmos que cada um de nós possui a capacidade de crescer e criar mudanças significativas e duradouras; uma mentalidade que incentiva a nossa vontade de agir em nome de terceiros ou na defesa da justiça e igualdade (Zimbardo, s.d.).

Referências

Asch, S. E. (1956). Studies of Independence and Conformity: I. A Minority of One against an Unanimous Majority. *Psychological Monographs: General and Applied*, 70(9), 1-70.

Bandura, A. (2002). Selective Moral Disengagement in the Exercise of Moral Agency. *Journal of Moral Education*, 31(2), 101-119.

Bandura, A., Barbaranelli, C., Caprara, G. V., & Pastorelli, C. (1996). Mechanisms of Moral Disengagement in the Exercise of Moral Agency. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(2), 364-374.

Barnett, V. J. (2012). Reflections on the Concept of "Bystander". In T. L. Museum, *Looking at Onlookers and Bystanders* (pp. 35-51). Stockholm: Eskil Franck.

Batson, C. D., Ahmad, N., & Stocks, E. L. (2004). Benefits and Liabilities of Empathy-Induced Altruism. In A. G. Miller, *The Social Psychology of Good and Evil* (pp. 359-385). New York: The Guilford Press.

Blau, K., Franco, Z., & Zimbardo, P. (2009). *Fostering the Heroic Imagination: An Ancient Ideal and a Modern Vision*. Obtido em Março de 2015, de <http://heroicimagination.com/wp-content/uploads/2010/11/HEROIMAGINATION.PSI-CHI.-PDF.pdf>

Brudholm, T. (2012). Mind The Gap(s) Between Memory, History, and Philosophy. In H. Edgren (Ed.), *Looking at Onlookers and Bystanders: Interdisciplinary approaches to the causes and consequences of passivity*. (pp. 117-141). Stockholm: The Living History Forum.

Chou, K. (1996). The rushton, chrisjohn and fekken self-report altruism scale: a chinese translation. *Personal Individual Differences*, 21, 297-298.

Darwin, C. (1872). *The Origins of Species by means of Natural Selection or, The Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life*. Obtido em janeiro de 2016, de <https://www.andrew.cmu.edu/user/jksadegh/A%20Good%20Atheist%20Secularist%20Skeptical%20Book%20Collection/Charles%20Darwin%20%20The%20Origin%20of%20Species%20-%206th%20Edition.pdf>

Eagly, A., & Becker, S. (2005). Comparing the Heroism of Women and Men. *American Psychologist*, 60(4), 343-344.

Franco, Z., Blau, K., & Zimbardo, P. (2011). Heroism: A Conceptual Analysis and Differentiation Between Heroic Action and Altruism. *Review of General Psychology*. doi: 10.1037/a0022672

Franco, Z., & Zimbardo, P. (2006). The Banality of Heroism. Obtido em janeiro de 2016, de <http://lucifereffect.com/articles/heroism.pdf>

Gouveia, V., Athayde, R., Gouveia, R., Gomes, A., & Souza, R. (2010). Escala de Altruísmo Autoinformado: Evidências de validade de construto. *Aletheia*, 3, 30-44.

Guimarães, A. (2014). *Altruísmo: Um Estudo Sobre Heróis Comuns* (dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Educação e Psicologia, Porto.

Khanna, R., Singh, P., & Rushton, J. (1993). Development of the Hindi version of a Self-Report Altruism Scale. *Personality and Individual Differences*, 14, 267-270.

Latané, B., & Darley, J. M. (1969). Bystander "Apathy". *American Scientist*, 2(57), 244-268.

Leyens, J. P., & Yzerbyt, V. (2008). *Psicologia Social*. Lisboa: Edições 70.

Martens, J. (2005). Definitions and Omissions of Heroism. *American Psychologist*, 60(4), 342-343

McLean, A. M., Walker, L. J., & Matsuba, M. K. (2004). Transcendence and the moral self: Identify integration, religion, and moral life. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 43, 429-437.

Milgram, S. (2013). *Obedience to Authority: An experimental View*. London: Pinter & Martin.

Oliner, S. P., & Oliner, P. M. (1988). *The Altruistic Personality*. New York: The Free Press.

Rushton, J., Chrisjohn, R., & Fekken, G. (1981). The Altruistic Personality and the Self-Report Altruism Scale. *Personality and Individual Differences*, 2(4), 293-302.

West, S., Gardner, A., & Griffin, A. (2006). Altruism. *Current Biology*, 16(13), 482-483.

Youll, D., & Durtschi, J. (2012). The Empathy-Altruism Association and its relevance to Health Care Professions. *Social Behavior and Personality*, 40(3), 395-400.

Zimbardo, P. (2004). A Situationist Perspective on the Psychology of Evil: Understanding How Good People Are Transformed into Perpetrators. In A. G. Miller, *The Social Psychology of Good and Evil* (pp. 21-50). New York: The Guilford Press.

Zimbardo, P., Haney, C., Banks, W., & Jaffe, D. (s.d.). The Stanford Prison Experiment 40 - Year Anniversary Retrospective. Obtido em Março de 2015, de <http://heroicimagination.com/wp-content/uploads/2011/12/Stanford-Prison-Experiment-40-Year-Anniversary.pdf>

Zimbardo, P. (s.d.). The Heroic Imagination Project. Obtido em janeiro de 2016, de <http://heroicimagination.org/>